

# O SEMANARIO.

ORGÃO DOS INTERESSES PUBLICOS

Por semestre 5\$000.

EDITOR A. J. DO AMARAL SOBREIRA

Por trimestre 3\$600

ANNO VIII.

TERESINA 10 DE FEVEREIRO DE 1883

N. 286

## EXPEDIENTE.

Rogamos aos nossos assignantes q' se dignem mandar-nos satisfazer a importancia que se achão a dever.

Esta empresa luta com sérias difficuldades, e é por este motivo somente que exige a pontualidade d'aquelles que concorrem para a sua sustentação.

## O SEMANARIO

Theresina, 10 de Fevereiro de 1883.

**Sr. D. Luiz de Souza da Silveira, chefe de policia desta provincia.**

Todos os dias dá este magistrado provas evidentes de sua incapacidade, para exercer o alto cargo que lhe foi confiado. Não ha duvidar; faltão-lhe bom senso e criterio. Paraisico, em suas acções, procura impor-se aos incautos. Não vai má vontade na proposição que emitimos.

Quando elle com refinada hypocrisia conseguiu de nós, por algum tempo, deixarmos de analysar os seus actos, todos aquelles que mais de perto o conheciam em sua vida publica, e íntima, a uma só voz, diziam: crimi nosa tolerancia é esta, que se tem com o Sr. D. Luiz, que, como juiz, só timbra em sacrificar a justiça, e como homem particular, é o espelho vivo, no qual se reflecte a imagem perfeita dos maiores escandalos que podem ferir o pudor social!!

## FOLHETIM

**Luciano Irerê.**

Ha uma antiga maxima que os latinos exprimiam nos seguintes termos: *dura veritas, sed veritas.*

Eu previ o desgosto que a muita gente iam causar as verdades que conti em um folhetim publicado no «Semanaario». Agora, sem a minima surpresa, vejo na «Epoca» de 27 deste mez o escripto do pseudonymo Luciano Irerê, que, talvez para render homenagem aos seus magnates, occulta a sua intenção sob a sympathica defeza das amáveis Parnahybanas.

Depois d'aquelle inspirado poema erigido á falta de instrução das mulheres, o meu illustre contendor deve julgar-se habilitado para fazer de D. Juan. Achará, sem duvida, todas as formosuras do mundo curvadas a tanta magnanimidade de coração!

Falta-lhe só um novo Byron para elevá-lo á posteridade.

O Sr. Irerê, deixando de parte tantas outras questões que suscitei no meu tão eluminiado folhetim, atira-se á seguinte phrase, que mais offendeu-lhe a susceptibilidade: *melhor fora que se conservassem sempre mudas, excepto o adverbio sempre;— não, autorizo a ninguém deturpar os meus pensamentos.*

Referia-me eu á mentalidade das distintas Parnahybanas, quando lancei no papel aquella phrase decantada.

Para que se saiba que não foi depois de uma observação superficial que julguei-me habil para emitír a respeito dellas juizo certo e firme, tenham os leitores conscienciosos a delicadeza de ouvir as razões em que fundei a minha opinião.

Desculpem-me as adoráveis Parnahybanas a franqueza da minha linguagem.

E tinham razão...

O Sr. D. Luiz por uma sariq de actos, não interrompida, tem se encarregado de confirmar esse juizo, que fazião a respeito dos seus sentimentos de justiça e severidade de costumes, levando-nos deste modo a trista convicção da inconveniencia do nosso procedimento.

Sim; o Sr. chefe de policia, D. Luiz da Silveira vai á desfilada, na pratica do erro, e da violação contra os brios dos homens de bem, contra a moralidade publica.—*abyssus abyssum invocat.*

Atorreado com as justas censuras que lhe havemos feito nas columnas deste periodico, na carencia absoluta dos predicados proprios do funcionario publico, honesto e sendo, correo espavorido á imprensa, e no total imundo da injuria, e da calumnia, nos insulta diariamente, sob a capa do anonymo!

O magistrado, altamente collocado, como S. S., a segunda autoridade da provincia, não podia degradar-se mais!

Escolho o Sr. D. Luiz para victima dos seus doctos o Rev. padre conego Thomaz de Moraes Rego, contra o qual acaba de vomitar nojentas calumnias no jornal «Commercio de Coxias».

Não é suspeita nossa: temos certeza mathematica de que é S. S. o autor dessa asquerosa difamação.

Como se engana o celebre chefe de policia!

Estamos certos, de que o Sr. conego Thomaz não responderá ao Sr.

Entendo que os meios de adquirir-se conhecimentos uteis são: a escola, a imprensa, a tribuna, as bibliothecas, os collegios, as academias e &. Vejamos o estado de adiantamento desses diversos mananciaes de instrução na Parnahyba. A escola, como em quasi todas as cidades do Norte, limba-se no a e no b. Não ha ensino superior. Os professores, por via de regra, são completamente incapazes para exercer tão alto mister, já em razão do exíguo honorario, já por falta de estímulo para estudar. As creanças mal aprendem a gaguejar as palavras e a fazer calculos errados até as 4 operações arithmeticas. Como continuar o ensino? Os meninos (só aquelles que têm meios) vão para as outras provincias ou para Theresina (1); as meninas, é forçá dizel-o, já são consideradas demasiadamente instruidas. Pois bem; essas creancinhas do sexo fraco crescem, desenvolvem-se, apresentam dois penosinhos matrecentes, deslambrautes e entumecidos, fascinam com o olhar a todos os corações varonis, ostentam a saliencia dos seus lindos contornos que se occultam sob os folhos symmetricos de suas robes á la Pompadour, e todos, seduzidos por tantos encantos, esquecem que naquelles cerebros só agitam-se ingenuidades infantinas, bruxarias de negra velha, bellos quadros de amores phantasticos; de imaginosos castellos encantados! E, como não ha de ser assim, si desgraçadamente a imprensa, a tribuna, os collegios, as bibliothecas e & são inteiramente desconhecidos na Parnahyba?!

Só a inspiração do divino Paraclete po-

(1) Lembro o nome do Illm. Sr. Miguel Borges que acaba de prestar um serviço relevantissimo á sua provincia.

D. Luiz, pois, o considera abaixo do seu desprezo; mas, seja-nos permitido fazer algumas considerações sobre as suas diatribes.

Revelando-se por essa forma, tão marcado com as palavras do Evangelho, não reparou S. S. a temeridade de seu proceder. Destarte fez-se réo confesso da profanação do grande Sacramento do matrimonio—da falta de caridade fraternal,—e das funestas consequencias, que resultão do vicio da embriaguez!

É triste! Mas, de seu modo de entender outra coisa não se deprehende!

Foi S. S. o proprio que assim pensando apresentou-se ao publico, como o resultado completo das imperfeições humanas e o maior violador das leis sociais.

É pena! Sentimos o desastre.

Por este motivo, entretanto, hade confessar o Sr. D. Luiz, que não deve a Igreja deixar de annunciar a sua doutrina, pela boca dos seus ministros.

deria dar-lhes conhecimentos. O sobrenatural, porém, não se discute. Asmulheres não são tão incapazes como pensa S. S., exigido tão pouco para ellas. Penso que ellas têm bastantes circumvoluções no cerebro para comprehender estudos de alto alcance. Quero a mulher instruida, a mulher no caso de comprehender o seu sublime papel na familia, na patria e na humanidade.

Não ficam ahí as minhas razões.

Fui observar de perto, frequentei o hospitaleiro povo Parnahybanos durante seis dias, compareci a diversas reuniões familiares, estudei detidamente o estado mental daquellas mulheres tão agradáveis e seductoras, e, depois de tanto tempo e trabalho, tôra preciso ser muito inepto para não poder emitír ainda a respeito dellas juizo certo e firme.

A Parnahyba não é uma agglomeração ethnica tão grande que demande mais estudo e observação para ajuizar-se do adiantamento intellectual de uma parte dos seus habitantes.

Apreciemos agora os argumentos do Sr. Irerê.

«Nestas poucas palavras commeteu S. S. tres grandes faltas: foi injusto, leviano e descortez. Injusto por ter attribuido á adoráveis creaturas um defeito que realmente não tem.»

Resto provar que essas adoráveis creaturas não têm o defeito que lhes attribui: foi o que não fez S. S.

Remetto-o ao illustrado Sr. Dr. A. Colin affim de explicar-lhe o que é em philosophia uma petição de principio. E' o caso de dizer: Si a logica entrasse no craneo de S. S., faria o effeito de um novilho bravo entrando n'um armazem de vidros (2).

(2) Este pensamento eu o li algures.

Talere quem quer que seja, e se a carapuca lhe assentar tão justamente na cabeça colloqu-a.

Inflamado S. S., como se acha, com a verdade enunciada da cadeira sagrada, estorçou-se no intuito de mactular a moralidade do vigario das Dores.

Neste proposito englorio fez transcrever algumas palavras do Relatório do finado Almendra, que, apaixonadamente, contra o Sr. Conego Thomaz escreveu, deixando a administração desta provincia.

Mais de uma vez tem sido explicada, pela imprensa, a razão, porque d'aquelle modo pretendeo ferir-se a reputação do Rev. Conego Thomaz. Esta, como redactor do orgão do seu partido, atacou, energicamente, a administração do bacharel Almendra, que em reprezalia da seria accusação que soffreo, não achando outro meio de vingança, nesses termos deo conta da demissão do director dos Educandos, lugar que era occupado, sem venimento algum, por este sacerdote que prestou, encontestavelmente, importante serviço aquelle estabelecimento, como attesta todo o publico desta cidade.

Sendo assim, é claro que aquellas palavras do Dr. Almendra não exprimão jamais senão o odio e o rancor, setados ao caracter do Padre, seu adversario politico em opposição franca e decidida, na imprensa.

Como, porem, o Sr. D. Luiz, ou o pasqureiro pensa o contrario, nós

Leviano, continua o Sr. Irerê, por ter confiado á imprensa uma impressão pessoal, momentanea e pela qual ninguem lhe perguntou. Esta increpação não se estende só a mim, mas a todos aquelles que têm ideias e se communicam pela imprensa aos seus semelhantes, isto é, a todos os escriptores do mundo, salvo os que escrevem para satisfazer perguntas. Creio que até S. S. não está isento della.

«Descortez em fim» & Este ultimo ponto da bella argumentação do Sr. Irerê já se acha em parte refutado nas razões que produzi acima, e, quanto ás senhoras que, formando talvez de mim juizo identico, tiveram bom senso e a generosidade de o não publicar, não agradeço-lhes o favor, nem louvo-lhes o bom senso.

Diz S. S. que perdi muito, despertando a zanga das Parnahybanas, ferindo-lhes o amor proprio e adquirindo desaffectos.

Não escrevo—attenda-se bem—para ser applaudido, nem para lisongear o amor proprio de quem quer que seja.

Não tenho arriére—pensée: o meu unico alvo é manifestar a verdade tal como a concebo, embora vá ella de encontro a este ou aquelle preconceito mais ou menos radicado no animo das massas.

Já la se foram os tempos, em que o entendimento era subordinado a modos de ver preconcebidos. A liberdade de pensamento ergueu-se á altura de um principio;—ninguem mais se lembra de contestal-a.

A zanga das Parnahybanas é até, a meu ver, um symptoma pathologico mui favoravel: a molestia ainda não dominou de todo o organismo, tanto que um pequeno cauterio fez o doente estremecer. Ha esperanças de melhora.

Gostei de ler a tirada poetica em que S. S. descreve as diversas modalidades e mutabilidades da mulher; mas nada disso, á

deveria dar-lhes conhecimentos. O sobrenatural, porém, não se discute.

Asmulheres não são tão incapazes como pensa S. S., exigido tão pouco para ellas.

Penso que ellas têm bastantes circumvoluções no cerebro para comprehender estudos de alto alcance. Quero a mulher instruida, a mulher no caso de comprehender o seu sublime papel na familia, na patria e na humanidade.

Não ficam ahí as minhas razões.

Fui observar de perto, frequentei o hospitaleiro povo Parnahybanos durante seis dias, compareci a diversas reuniões familiares, estudei detidamente o estado mental daquellas mulheres tão agradáveis e seductoras, e, depois de tanto tempo e trabalho, tôra preciso ser muito inepto para não poder emitír ainda a respeito dellas juizo certo e firme.

A Parnahyba não é uma agglomeração ethnica tão grande que demande mais estudo e observação para ajuizar-se do adiantamento intellectual de uma parte dos seus habitantes.

Apreciemos agora os argumentos do Sr. Irerê.

«Nestas poucas palavras commeteu S. S. tres grandes faltas: foi injusto, leviano e descortez. Injusto por ter attribuido á adoráveis creaturas um defeito que realmente não tem.»

Resto provar que essas adoráveis creaturas não têm o defeito que lhes attribui: foi o que não fez S. S.

Remetto-o ao illustrado Sr. Dr. A. Colin affim de explicar-lhe o que é em philosophia uma petição de principio. E' o caso de dizer: Si a logica entrasse no craneo de S. S., faria o effeito de um novilho bravo entrando n'um armazem de vidros (2).

(2) Este pensamento eu o li algures.

publicaremos o juizo insuspeito do actual Ministro do Imperio, o Exm. Sr. Dr. Leão Velloso, q' poucos dias antes do Sr. Almendra, fazia o mais elevado conceito do director dos Educandos, Conego Thomaz, ao qual dirigio um officio, em que lhe tecera o maior elogio que se pode dar a um empregado publico.

São estas as suas palavras.  
Provincia do Piahy. Palacio da presidencia, em 10 de outubro de 1883.

Na visita que hoje fiz a esse estabelecimento por occasião de assistir a benção de sua capella: tive de verificar quanto tem lucrado com sua direcção em melhoramentos quer materiaes quer moraes, pelo que folgo de cumprir meu dever elogiando a Vmc. pelo zelo, interesse e dedicação, que tem desenvolvido com sua serventia; zelo, interesse e dedicação, que espero não esfriará, devendo Vmc. contar com todo o meu apoio.

No proposito de dar maior desenvolvimento ao estabelecimento de modo que possa elle attingir completamente ao fim da sua criação, fica Vmc. authorisado a entender-se com o proprietario do terreno que fica pelos fundos do edificio, afim de verificar qual o preço, porque poderá elle ser desapropriado, juntamente com a meia-agua no referido terreno assentada.

Deus guarde a Vmc.—Pedro Leão Velloso—Ao padre Thomaz de Moraes Rego.

Alem deste valioso testemunho, temos o de todos os presidentes liberaes e conservadores, que se manifestaram, sempre, de modo lisongeiro acerca da serventia do Conego Thomaz, n'aquella casa de educação. Para attestal-o, ahí estão os seus relatorios.

Sabemos, que estas cousas serias não são apreciadas pelo Sr. D. Luiz da Silveira, cujo espirito, abatido pelos desvios de sua vida publica e particular, ja não distingue o bem do mal. Julguem-no os homens sensatos.

Ainda não é tudo.

O Sr. D. Luiz em seu desalinho fere a todos com allusões burlescas nas

vista do que já expuz, prova a impossibilidade de julgar do estado mental das fascinadoras Parnahybanas. Vistas pela face poetica, eu tambem as acho ethereas e mysteriosas; porem, sob o aspecto da critica austera e scientifica, ellas nada têm de incompreensíveis. São perfeitamente apreciáveis.

S. S. sublinha as palavras *route, relegou, vacuidade, descrever*, como que as incluindo no numero dos gallicismos que introduzi no meu folhetim.

Os verbos *relegar* e *descrever* e o substantivo *vacuidade* vieram-nos directamente do latim *relinquere, describere, vacuitate*, acham-se em todos os dicionarios portuguezes, já com o cunho da veracidade. Bem se vê que S. S. enganou-se: aqui não ha francezismo.

E' exacto que, quando converso com pessoas entendidas e quando escrevo para o publico que sempre se julga juiz illustrado e severo, gosto de intermeiar algumas palavras e phrases das linguas estrangeiras que estudei como preparatorios.

Desde os mais antigos grammaticos portuguezes q' conheço, como Fernão de Oliveira e Duarte Nunes de Leão até Sotero dos Reis e Frederico José Correia, ouve-se esse constante declamar contra as invasões das linguas estrangeiras no lexico portuguez.

Apezar de todo esse cortejo de anathemas contra o neologismo, o portuguez nunca deixou de evoluir em comunicação activa com as outras linguas que disputam-lhe a victoria na luta pela vida.

As linguas, como todo organismo vivente, nascem, crescem e, attingindo ao seu periodo de *metamorphose regressiva*, decaem e afinal perecem.

Elles ont passé tout d'abord par une

suas publicações anonymas. Que auteridade!

Ja não poupa mesmo os seus co-religionarios! Foi assim que em seu libello famoso, nesse pasquim de que nos occupamos, não deixou de omitir injurias á familia S. Anna, sem respeitar, até, as cinzas do um dos seus membros, cuja morte fora apressada com o requinte da injustiça, por um outro chefe de policia inconsciente!

S. S. vai lá ao fundo do sepulchro, para seus desabafos!

Horror!

Não sabe Sr. D. Luiz que é perdido o seu tempo?

Os creditos dessa familia são tão bem firmados, que não podem ser abalados pelos embates da calumnia.

Continue o Sr. D. Luiz em sua tarefa indigente; publique contra nós o que lhe vier á mente descaçada, por que sem temor o seguiremos.

Por hoje aqui ficamos.

## Camara Municipal.

### Reunião ordinaria.

#### 3.ª SESSÃO.

Presidencia do Sr. vereador Dr. Simplicio de Souza Mendes.

Aos 10 dias do mez de Janeiro de 1883, nesta cidade de Theresina do Piahy e paço da camara municipal, reunidos os Srs. vereadores Dr. Souza Mendes, Farias, Moreira Leão, M. Teixeira, Nonnato e Freire, abre-se a sessão.

Lida, é approvada a acta da antecedente.

Presente um requerimento do capitão Antonio Joaquim Diniz, contractante da publicação do expediente desta corporação, pedindo permissão para fazel-a em um dos outros jornaes desta capital até o proximo reaparecimento do Telephone, cuja publicação se acha suspensa por motivos supervenientes; a camara resolve deferil-o.

période embryonnaire, elles atteignent un complet développement et sont livrés, en fin de compte, à la metamorphose regressive.»(3)

Ellas servem de vehiculo ás ideias e, communicando-se entre si, fazem reciprocamente empréstimos umas ás outras. Isto é inevitavel, fatal como a propria lei que preside ao desenvolvimento das faculdades do homem.

Fôra preciso evitar q' os povos se relacionassem para acabar com os estrangeirismos, mais então o celebre *le monde marche de Pelletan* não teria mais razão de ser.

Dentre todas as linguas modernas é a franceza que tem mais influencia exercida sobre a portugueza.

«Com nenhuma outra nação temos tido relações tão intimas e tão duradoras como com a França; nenhuma tem influenciado tanto como esta sobre a litteratura, os costumes, as ideias portuguezas: a sua influencia lexicologica resulta necessariamente dessas intimas relações» (4)

O que o grande mestre diz com relação a Portugal pode-se applicar ao Brazil quasi sem alteração.

Eu costume deixar-me levar brandamente pela corrente quando nada a poder deter, por isso que, resistido, temo ser arrastado de encontro aos rochedos—*volentem ducunt nolentem trahunt*.

O Snr. Irerê falla em Comte, Búchner e Darwin com uma ingenuidade que faz dó. Si S. S. soubesse o que ha escripto nas obras desses grandes pensadores sobre a educação da mulher, certo, não tentaria refutar ousadamente uma opinião tão sin-

(3) Hovelacque—La Linguistique.

(4) F. Adolpho Coelho—Curso de litteratura nacional.

—Vai a commissão de contas, já nomeada, o balancete da receita e despesa da aferição no trimestre findo, mostrando um saldo a recolher de Rs. 107\$625.

O Sr. presidente apresenta hoje mais dois editaes sobre hygiene e moralidade publicas, os quaes a camara manda publicar répetidas vezes pela imprensa.

A camara resolve mandar pagar, havendo verba, a quantia de Rs. 83\$450 a Herminio Castello Branco, de meias custas que venceu em diversos processos de que decahiu a justiça publica.

Vota com restricção o Sr. vereador Moreira Leão, declarando q' é de opinião que seja observada a ordem de antiguidade, si na occasião do pagamento o credor de que se trata competir com outros mais antigos.

E para constar, eu Satyro José Pinto de Oliveira, secretario da camara, lavrei a presente acta.

#### 4.ª SESSÃO.

Presidencia do Sr. vereador Dr. Simplicio de Souza Mendes.

Aos 11 dias do mez de Janeiro de 1883, nesta cidade de Theresina do Piahy e paço da camara municipal, reunidos os Srs. vereadores Dr. Souza Mendes, Farias, Leão, M. Teixeira, Nonnato e Freire, abre-se a sessão.

Presente um officio do 1.º juiz de paz da freguezia de N. S. das Dores, Sr. Antonio Coelho Furtado de Albuquerque Cavalcante, datado de 7 deste, communicando haver naquella data assumido o exercicio do referido cargo; vai a archivar.

Outro do Sr. piloto desta camara, remetendo dois mappas dos terrenos do patrimonio municipal; a camara resolve envi-l-os ao Sr. procurador para regular a cobrança dos foros.

São deferidos dois requerimentos pedindo licença para negociar, um de Lino Costa & C.ª e outro de Raimundo Alves Ferreira.

O Sr. vereador Freire, obtendo a palavra, apresenta o parecer da com-

para como verdadeira que emetti em meu folhetim.

Leia a polemica de Comte e St. Mill na obra *Comte e o Positivismo* de Littré, o artigo—*a mulher no Homem segundo a sciencia* de Búchner e a theoria do transformismo na *Origem das Especies* de Darwin e S. S. poderá chamar-me com mais autoridade a campo para uma discussão scientifica. Abi quizera eu pillal-o e não a fazer de galant, advogando a falta de instrução das mulheres, para se tornar sympathico aos espiritos fracos que ainda consideram a *cara metade* da especie humana como machina de satisfazer desejos libidinosos sem serventia para nada mais.

S. S. não pode deixar de ser muito feio: corcunda, besuntado como um burguez vendilhão de manteiga. Não podendo por outro meio agradar ás mulheres, começa por lisongear-lhes o *amor proprio* com detrimento da verdade. Este systema já passou: as moças sensatas e bem educadas já não acreditam nos elogios dos galanteadores. Outro officio, meu caro.

As ideias que S. S. empresta ás Parnahybanas nunca lhes passaram pela mente, excepto a primeira. E' possivel que ellas chamem pedantes áquelles que falam qualquer lingua estrangeira; é costume velho dar-se esse epitheto ás pessoas que nós não entendemos pela superioridade da cultura intellectual: ninguém gosta de confessar a sua fraqueza. As moças feias tambem acioam de pedantes e vaidosas áquellas que zelam a sua formosura.

Quanto ás outras ideias, demandando maior tensão de espirito, estão fora do quadro da nossa educação feminina. Nem me canso em mostrar-lhe que a mulher ainda não exerce na sociedade a verdadeira posição que lhe é devida, apezar de

missão de contas, dado sobre o balancete do trimestre ultimo da receita e despesa da aferição de pesos e medidas.

Posto em discussão e a votos é approvedo, ordenando a camara que seja recolhido a seu cofre o saldo de Rs. 107\$625, no referido balancete demonstrado.

Lido o relatorio do Sr. fiscal do municipio, vai a uma commissão composta dos Srs. vereadores Leão, Freire e Farias, mandando esta corporação que eu secretario responda sobre o topico do mesmo, que me diz respeito.

E para constar, eu Satyro José Pinto de Oliveira, secretario da camara, lavrei a presente acta.

## SECÇÃO LIVRE

Resposta dada ao Sr. Dr. Antonio Coelho Rodrigues pelo Sr. Dr. Manoel Rodrigues de Carvalho.

(Continuação do n.º 285).

#### IV

—Não é verdade que o meu manifesto tivesse sido precedido de predicas á portas fechadas. Um dia (já não me recordo porque embaraço ou conveniencia) com o capitão José Clementino, cunhado do Dr., tratei uma conferencia depois de nove horas da noite em minha casa.

Ahi conversamos até muito tarde; e como elle me estranhasse a resolução em que me via de divergir do centro conservador e de nossa familia, relativamente a candidatura de S. S. eu, não devendo negar-lhe a razão d'esse procedimento meu, dei-a com franqueza—não em ar de quem se empenha em persuadir, nem em fazer proselytos. Não sei se d'essa mesma occasião ou de outra em que me entrelinha com esse amigo, assentamos entre nós sobre o modo de cada um

dizer S. S. q' essa *tuíella dos homens de q' as querem libertar é mais ficticia do q' real*.

Já eu tinha comprehendido que o meu illustre contendor é deses que só querem a mulher para servir de machina, como já disse, e para a cestura, bater pão de ló & embora desconheço o que se passa no mundo das letras. Qualquer circumstancia superveniente pode forçal-a um dia a pisar na rua e eil-a titubando, alheia ao movimento da sociedade, prestes a tombar no abysmo da perdição. Basta que S.S. approxime-se della e diga-lhe: «Oh aujo de candura, e amor que te contagio fez com que eu te defendesse contra as accusações de um ousado *maldivente!*»

A conclusão que S. S. tira da hypothese que figura vem ainda provar que a logica de que usa é inteiramente illogica.

O *conselheiro* de S. S. só poderia fazer aquelle juizo de mim, quando, tratando de outros assumptos, eu revelasse a minha ignorancia e só acerca de modas me estendesse largamente.

O tal *conselheiro* não poderia ajuizar de todos os meus conhecimentos só por me ouvir tratar das vestes á franceza de que usam as mulheres.

Mando-o para o Lyceu a ver si aprende o que é um paralogismo em phylosophia.

O conselho do invencivel folhetinista cahiu inteiramente, desde que todas as suas proposições não resistiram á rapida analyse que venho de fazer: eu teria o prazer de accital-o si tratasse com um escriptor imparcial, q' e tivesse opinião propria (!) não escrevesse para adquirir applausos dos ignorantes e lisongear o *amor proprio* das bellas Parnahybanas, nem para fazer venias aos magnates de quem é commensal. Bacury, 31 de Janeiro de 1883.

Hygino Cunha.

fazer pelo seu candidato o que pudessem, sem perturbar a paz entre nossos correligionarios e amigos communs, &c.

Nunca conferencie sobre politica, á portas fechadas, com outra pessoa; e sendo esta com quem conferencie de todo insuspeita á S. S. eu aceito o seu testemunho, certo de que o meu nobre parente e amigo não ha de considerar *predica* comprometedora dos foros catholicos ou interesses politicos de S. S., a seguinte referencia pouco mais ou menos:—«o Coelho é livre pensador, tenho disto plena certeza por informações insuspeitas; a Igreja faz politica por necessidade de defeza, e eu sou do numero dos seus, preferindo deixar o partido conservador, ficar isolado. &—á prestar auxilios aos inimigos de minha religião, &c.» E sobre este assumpto nunca tive conferencia particular com alguma outra pessoa, de dia, nem de noite, de portas fechadas, nem abertas; e S. S. que me venha contestar.

Um outro dia, conversando com o mesmo amigo, elle revelou-me o pezar de seus dignos irmãos, pelo facto da preferencia á que já alludi mais de uma vez, achando certo ou provavel que, á despeito das boas disposições que á meu respeito havia, o Dr. Polidoro não tivesse votação alguma em Picos;—ao que respondi «não ser de minha intenção pedir cousa alguma n'este sentido aos meus bons amigos d'aquella localidade, e que nem um resentimento me ficaria, se por ventura elles me recusassem qualquer demonstração de apreço na eleição que se approximava, &c.»

Essa conversação minha com o capitão José Clementino me fez comprehender a imperiosa conveniencia de explicar-me com franqueza ás principaes influencias conservadoras do 1.º districto, que eu contava entre meus parentes; e a carta acima transcripta foi a primeira declaração dos motivos da politica que eu encetava—pondo de parte o que expendi com relação ao referido amigo.

Vós, que lestes esta carta minha, dizei-me: seria possível uma declaração mais franca de minhas idéas, um protesto mais formal contra a suspeita de interesses partidarios ou pessoais e de conveniencias de familia? Se é a isto que o Dr. Coelho chama *insinuação*, o que deveremos chamar franqueza, decisão, lealdade?

O manifesto a que S. S. chama *pastoral* nenhum mal lhe fez, nenhum mal lhe poderia fazer, porque eu teria de me oppor á esse mal, e a attenção á certas considerações que devia e queria respeitar, como adiante mostrei. Nunca pensei em persuadir algum eleitor á não votar em S. S. por motivo de religião, nem poderia fazel-o, estando eu mesmo resolvido á dar-lhe o meu voto no ultimo escrutinio.

Esta razão é de entalar, e por si só espanca todas as razões de *cabo de esquadra* que S. S., com a habilidade de uma malicia consummada em longos annos de officio, poz em campo para esmagar-me, sob o peso de imputações «que muito se pareceriam com os enredos da intriga ou com as mordeduras da calumnia se não partissem de um homem que «adora á Deus em espirito e verdade; que tem por ideal os primeiros seculos do christianismo; que teme especular com a fé alheia, abusar da credulidade do proximo para satisfazer vinganças mesquinhas, ser hypocrita na phrase do evangelho.»

Com affeito, como poderia eu no 1.º escrutinio persuadir um eleitor qualquer á não votar no Dr. Coelho Rodrigues, por ser elle heresje e livre pensador, estando eu resolvido á empregar no 2.º, em que a sorte do pleito teria de ser diffinitivamente decidida, todo o esforço pelo triumpho de sua candidatura? Não será este o caso de dizer-se que mais difficil é *pegar um côxo* do que certos *vadios* que imprudentemente correm, sem olhar por onde pisam!

Ao 7.º—Nunca fiz pronunciamento publico ou reservado contra o Dr. Coelho Rodrigues: appello para os que têm lido os meus escriptos impressos e para o testemunho de todos os amigos que participam de minha intimidade.

N'esses escriptos, como em conversações não tenho feito mais que justificar minha conducta, pela coherencia perfeita que me preso de saber guardar ante os principios que adopto e os meus actos na sociedade. Se isto eu não podia fazer sem desacato ao meu grão Senhor; se uma simples profissão de fé politica, sem previa venia áquelle que, sem titulo obrigatorio, julga-se com o direito de exigir que eu *jure sobre o seu credo*, é crime de alta traição—se isto é assim, correi «liberaes» apressae-vos «republicanos» em vides pedir perdão ao Dr. Coelho Rodrigues, por não haveídes reconhecido sua alta prosapia de supremo dispensador da liberdade politica no Brazil.

E se um só pronunciamento, na verdadeira accepção da palavra, não houve; como poderiam pronunciamentos haver, reservados em principio, multiformes e inexoraveis depois!

Ah!... já sei: queria o Dr. que eu, no caso de não poder prestar apoio ás suas opiniões politicas, me resolvesse ao menos á chocar o seu so-commum, gritando pelas esquinas, á maneira dos cegos de Pariz: «não voteis no Dr. Coelho Rodrigues, eleitores catholicos, porque este homem é heresje e livre pensador!»

Não foi mal pensado! Se assim eu tivesse feito, não teria o Dr. tido tanto trabalho em sonhar o meu credito, muito menos se daria á ingloria pena de promovê-lo hoje por meios que o cavalheirismo e até a simples civilisação hão sempre dignado-se de empregar, como incompativeis com os seus essenciaes predicados. Mas eu preferi ser discreto—tanto que depois pude dizer na minha citada carta politica:—«eu sabia que uma intenção recta permitte calar a verdade, quando o silencio não importa violação de um preceito de moral.»

«Foi o que fiz, com o fim de evitar uma questão sempre melindrosa, porque se refere á consciencia e á vontade de cada um.»

«Igual conveniencia guardai, por muito tempo, em relação ao publico; porém não observei-a para com amigos meus mais intimos, proximos parentes do Coelho, e elles parecem convencidos de minha sinceridade sobre este ponto.»

Era uma palavra considerava o Dr. Coelho Rodrigues homem de curto alcance politico (como na verdade é e hei de provar-o), inimigo decidido da Igreja catholica, e portanto indigno do apoio moral de seus filhos; porém nunca trabalhei por diminuir á S. S. o numero de seu admiradores.

—Por influencia minha o Dr. Polidoro não teve, que eu me recorde,

senão um voto liberal em todo o districto, e este mesmo voto estava já de muito tempo espontaneamente promettido.

Toda a votação liberal que o meu nobre amigo teve em Oeiras, assim como os poucos votos que em Valença lhe deram, foram obtidos exclusivamente pela amisade e particular dedicação de sua digna sogra, pela intervenção de seu cunhado capitão Cyro Ferraz, pela benevolencia de seus amigos Joaquim Lopes Gallo e Casimiro Sarmiento: e todos sabem que a dissidencia liberal, que no 1.º escrutinio pactuou com a minha parcialidade, foi devida á influencia d'aquella senhora e d'aquelles distinctos cavalheiros que, por si mesmo, muito merecem a seus numerosos amigos.

Demais, é geralmente sabido que os senhores Gallo, Cyro Ferraz e Casimiro Sarmiento não commangão commigo em idéas politicas—não são das que pensam que o bem da sociedade e a verdadeira liberdade da cidadão dependem da independencia e supremacia da Igreja catholica; elles estavam resolvidos á fazer commigo causa commum no pleito eleitoral, antes de conversarmos a respeito.

Como pois vem agora dizer o Sr. Dr. Coelho Rodrigues que eu de proposito não acendi a sua provocação directa afim de confirmar as minhas suspeitas ou dissipar minhas duvidas, por querer continuar á solto minha propaganda á sorrelfa, evitando antes da eleição qualquer defeza sua que podesse frustar meus planos de adlicção de votos conservadores e liberaes no 1.º escrutinio?

Quando mesmo fosse possível á S. S. justificar-se da accusação que lhe fiz perante a consciencia catholica—este facto bastaria para commover os parentes do Dr. Polidoro á ponto de fazer recolhir em S. S. os votos que elles havião obtido para o mesmo?

Oh! Sr. Dr.?—mais justiça!—e sobre tudo, mais escrupulo em avançar proposições d'essa ordem!

A razão pela qual não respondi á S. S. já foi bem exposta no meu primeiro artigo: não foi por medo de sua defeza, nem por *suppor-o capaz de aegar a verdade que lhe fosse perguntada.*

Ao 8.º Os motivos de minha opposição á S. S. no 1.º escrutinio somente, (porque no 2.º fiz por sua candidatura o que pude), não foram essas cousas que S. S. imaginou, e que, como se verdades fossem, enfiou no seu artigo com as galas de sua eloquencia—já deixo bem provados. Por tanto, taes motivos, não tendo existido, não podiam ser *bastantes nem verdadeiros*, concordo.

—Mas, senão ha effeito sem causa, causa deveria ter a minha opposição, á S. S., ou melhor minha preferencia pelo Dr. Polidoro; e realmente teve—foi a q' dei em minha carta politica: é a mesma razão do *manifesto* pelo qual me disliguei do centro conservador. Queira S. S. ou não—a razão é esta; como a verdade é indestructivel—esta razão transparece, cada vez mais convincente, por entre as nebulosidades com que S. S. pretendeu velal-a n'essa explosão de seu genio vaporoso.

A razão é esta, Sr. Dr.; esta mesma, outra não havia, não podia haver—muito bem o sabe S. S.

E se tal razão é motivo para inimisade, é certo que S. S. é o unico que a reconhece por tal, é o unico

conservador de quem me despeço com desgosto.

—Será á esta razão—dever de pugnar pela Igreja catholica abandonada a má vontade e a falsa fé dos dois partidos—que S. S. averba de motivos pequeninos? Reflectamos um pouco.

Nos primeiros seculos do christianismo os fieis concorriam para a propagação da fé e esplendor do culto por todos os meios ao alcance de cada um—os ricos com os seus bens, os pobres com o seu trabalho, os sacerdotes com o coração e a palavra.

Foi por esse mutuo auxilio que a Igreja pôde triumphar da raiva da Synagoga de Jerusalem, da tyrannia dos Cesares de Roma, das arrogantes pretensões dos mais poderosos soberanos de Constantinopla, de Allemanha e França.

E' por esse mutuo auxilio, continuado em todos os seculos, por todos os christãos dignos d'esse nome, que a Igreja ainda subsiste, resistindo ao supremo esforço da *Revolução*, representada por quasi todos os governos do mundo beneficiado pelo christianismo, de mãos dadas com o *protestantismo* e a *razão philosophica emancipada*—*investidos* todos contra a infallibilidade do Papa e o Syllabus.

E' por esse mutuo auxilio que o Papa subsiste cativo em Roma, abandonado de todos os poderes da terra; é por esse mutuo auxilio que os Prelados e as Congregações religiosas, opprimidos ou esbulhados de seus direitos e bens, têm podido ao menos achar na imprensa vozes de consolação e de defeza; é por esse mutuo auxilio somente que ainda se cuida em evangelisar o mundo, e tantos milhares de crianças pagans são salvas na China pela caridade das filhas de São Vicente de Paula.

E' por esse mutuo auxilio que em diferentes epochas os catholicos puderam constituir-se em partido politico e triumphar na Belgica, na Suissa, na Baviera, nas eleições municipaes de Roma e se têm feito respeitar nos parlamentos francez e allemão pela voz dos Freppel e dos Windstorst, como out'ora no inglez pela eloquencia do piedoso O' Connell.

E' por esse mutuo auxilio que os catholicos do Brazil se hão de erguer tambem em partido politico—não para accender fogueira na praça publica, nem no empenho de arrebatat as redeas da governança, mas para protestarem efficazmente pelos direitos da Igreja, conspurcados e resistirem legalmente á prepotencia dos governos maçonisados.

Julga o Dr. que estes dous pontos objectivos do mutuo auxilio dos catholicos, em politica, são *motivos pequeninos* para determinarem no meu conceito a preferencia de um catholico como o Dr. Polidoro a um hereje como S. S.? N'este caso eu direi; mais *pequeno* é o seu juizo. A aparatosa exhibição que S. S. faz de sua religião singular assemelha-se á cavilosa obstinação com que os Scribas e Phariseus repelliam á Christo, para se conservarem discipulos de Moyses, —*Não vale um real a sua religião*, até porque, sendo S. S. mesmo o seu summo pontifice, terá ella de variar tanto quanto as suas paixões, interesses e pareceres de cada dia—será mais uma d'aquellas á que d'antemão já fizeram justiça, debaixo de todos os pontos de vista, as «*Variações*» de Bossuet, o «*Protestantismo*» de

Balmes, «Le Bon Sens» de Cansse-  
ne, &.

**O Sr. Dr. D. Luiz de Souza da Silveira, em seu verdadeiro papel.**

No jornal «Comercio de Caxias», n'uma serie de pasquins calumniosos, o Sr. D. Luiz mostrou mais uma vez a nobreza de seu caracter, a distincção de seus sentimentos e a eminenção em que se ha collocado na sociedade, que tem a desgraça de suportal-o, quer como homem particular, quer revestido da beca de magistrado, por si tão enlameada para vergonha d'essa distincta classe.

O publico, Sr. Dr. D. Luiz, dispensava-lhe o *afanoso* trabalho de pasquinoeiro, que alias desempenhou perfeitamente, para firmar o juizo exacto de sua pessoa; por isso que tem S. S. fornecido-lhe muitas e irrefragaveis provas de que é homem que sabe *prezar* os braços de fidalgo, e capaz de todas as acções, que não tiverem o cunho da virtude, e da honestidade.

Entretanto, para que S. S. não goze completamente do ineffável prazer do espirito votado á pratica das más acções, que de mergulho no lodagal de todos os vicios até hoje conhecidos, só tem allivio das garras do remorso, quando suppõe ter encontrado um companheiro a quem possa arrastar pela escabrosidade, em que se precipita repudiado pela sociedade, nos dispomos a responder a parte do pasquim de S. S., referente ao Rvm. Conego Thomaz de Moraes Rego, cuja reputação se conserva illeza da peçonha com que S. S. borrifou as vestes do ministro de Christo, para apontal-a tão nauseabunda como a beca de magistrado, que S. S. fatalmente traz aos hombros.

O Rvm. Conego Thomaz tratou é verdade, dos deveres do marido para com sua mulher, no sermão a q' S. S. allude; exerceu d'esse modo, um direito sagrado inherente ao seu respeitavel ministerio: mas só falou para os seus parochianos, capazes de receber no espirito a sulutar impressão que produzem as palavras de Deus, as quaes, penetrando nos corações dos homens de bem, docemente os obrigão a retrocederem do caminho das vis paixões, seguindo a estrada que a Igreja abre aos fieis.

Firmou, sim, a indissolubilidade do matrimonio, sem dirigir-se a pessoa de S. S., nem a de outrem.

Por ventura teria culpa o Rvm. Vigario Thomaz que algum houvesse, n'aquelles dias, por sua infelicidade, repudiado sua virtuosa esposa, por motivos que todos dizem, mas não affirmamos, ou por vicios, que, destruindo cidades inteiras, perderão-lhe tambem a alma?

Acaso a existencia de factos lamentaveis, d'esta ordem, que escandalissem ao publico, e a toda sociedade, privação ao ministro do altar de pregar a verdadeira doutrina da Igreja do Deus vivo, e os seus principios da moral?

Não. Ninguem haverá que o conteste.

Já vê, pois, S. S. que não tem razão no primeiro ponto de suas acções; e que o rediculo que ellas envolvem, longe de attingir o sacerdote, recae sobre a pretensa fidalguia.

Passemos, agora, a segunda parte do pasquim.

O ouvinte delirava, ou não prestou attenção a todo o discurso.

Occupou-se tambem o Rvm. Parochico, n'aquelle sermão, dos deveres que tem o irmão para com o outro; e disse dá virtuoso exemplo, quando suas respeitaveis irmãs recorrem a sua protecção. Sempre encontram abertas suas portas, sendo recebidas com fraternidade, e soccorridas em tudo que necessilão.

Por que um marido expulsando, sua mulher de casa tranca suas portas, e colloca no corredor soldados, para evitar o ingresso da esposa infeliz, está o orador sagrado impossibilitado de mostrar a firmeza do matrimonio, e será por isto cruel para com os seus parentes?

Traton, ainda, o Rvm. Vigario, da hediondez do vicio da crapula e de suas graves consequencias: mas não fez allusão a quem quer que fosse que costume encerrar-se por dias dormindo nos braços do deus Bacho.

Supporte o fidalgo chefe. Por ahi o dizem e ao effeito deste vicio lamentavel attribuem a aggressão, que é feita, mas, nós não cremos.

E que motivo teve S. S. para incommodar-se tanto com este topico do sermão do Rvm. Vigario?

Elle, sem duvida ignorava que com isto poderia molestar a pessoas tão altamente collocadas.

Contenuemos:

A Igreja, de que é digno vigario o Conego Thomaz, pode ser que tenha sido profanada; mas porque n'ella ja entron, certo chefe, pessoa de representação social, que nem a casa de Deus respeita para commetter escandalos!

Que censura merece o Rvm. Conego por tão deploravel acontecimento?

Seria possivel elle conceber na ideia semelhante monstruosidade?

E, no caso affirmativo, como poderia elle privar o ingresso n'aquelle lugar sagrado, a pessoas de alta categoria?

Se isto tentasse fazer teria S. S. mais justo motivo, de contra elle proceder a uma devassa.

Metta S. S. a mão na consciencia e diga-nos se não é verdade.

Nos dispensamos de ir mais além: não só porque o Rvm. Conego Thomaz de Moraes Rego, está inteiramente isento das *amabilidades* com que S. S. quiz ferir-lhe em tudo quanto o homem de bem mais presa, como porque não desejamos completamente destruir o indizível prazer que deve experimentar aquelle, que, precipitado no abysmo das desgraças sonha com um companheiro de infortunios.

Sabemos que estas linhas não farão mção no espirito de S. S.; porém as traçamos para aquelles, que, não tendo ainda a infelicidade de conhecê-lo, evitem, quanto for-lhes possivel, o seu encontro.

Esqueça o seu dever de autoridade o Sr. D. Luiz para atacar em pasquins impressos a honra alheia, e nós o acompanharemos.

Dom Calote.

**Administração da provincia.**

Quando recebemos, ja bastante tarde, a «Imprensa» n.º 758, na qual trata-se de refutar o que no «Semana-rio» de 25 do passado articulamos

contra a administração do Sr. Miguel Castro, chegou-nos, ao mesmo tempo, a noticia de haver um amigo dedicado e prestimoso tomado a si a tarefa de replicar ao órgão official.

Ainda bem, dissemos nós; nem tudo está perdido. N'uma epoca de discredências e nivelamento de caracteres, qual a que atravessamos; n'uma quadra de anomalias politicas e administrativas para esta malfadada provincia, que contempla, contristada, a substituição da ordem legal pelos lances do despeito e do odio, encarnados nos agentes do poder, é, sem duvida, animador o apparecimento de mais um apostolo da democracia nas lides da imprensa com o intuito de profligar os autores do viciamento das instituições e de encarrear a opinião publica.

Folgamos de reconhecer o distincto co-religionario, que por motivo de ausencia de nossa parte, veio prestar-nos poderoso auxilio, e aproveitamos o ensejo para darmos-lhe um aperto de mão por tão bem haver-se desempenhado da tarefa que se impoz, inspirando-se no nobre sentimento de defesa á causa da liberdade e da justiça, ludibriada pelos corypheos da situação.

O observador imparcial, que de certo tempo a esta parte tem acompanhado a marcha das cousas publicas nesta parte do Imperio, não precisa, por certo, de muita reflexão para reconhecer que é *sui generis* e digna de ser cantada a administração do Sr. Dr. Miguel Castro.

Está provado que S. Exc., para vergonha sua, de seus oráculos e proveito dos adversarios, veio a esta terra representar o triste papel de traidor politico, pois, em vez de inspirar-se nos conselhos do organisador do actual ministerio, que é o chefe mais proeminente do partido liberal da provincia, o Sr. Miguel Castro, em opposição as vistas do governo, de que é delegado, levantou uma tenda de guerra contra distinctos membros do mesmo partido, esposando os odios de pillicos emperrados, que, não podendo alcançar a obediencia passiva de seus co-religionarios para fins menos licitos e contrarios as conveniencias partidarias, comprazem-se, espumando de raiva, exercer as mais torpes vinganças!

Quem não sabe que o Dr. Cruz, não obstante a nobreza de seu caracter e os serviços prestados ao seu partido, soffreu mais de uma picardia por se haver opposto aos interesses bastardos desses emperrados? Quem na provincia ignora que o capitão José Villarinho, intelligente e zeloso empregado da secretaria do governo, fora preterido no accesso, á que tinha direito, e preferido um menino-rio, porq' era aquelle amigo dedicado do Dr. Cruz, e commettera o enorme e imperdoavel peccado de não votar na chapa municipal do anno passado, organizada, talvez, em audiencia judicial, sob comminação de penas aos infractores? E todos não conhecem q', S. Exc. demittio o illustre capitão Miguel Borges do lugar de procurador fiscal do thesouro provincial, empregado, seguindo a legislação vigente, vitalicio para elle, q' o exercia ha mais de tres annos, só para agradar os conservadores, nomeando em seu lugar o Dr. Polidoro Burlamaque, quem exonerara do cargo de promotor publico da capital, assim de empregar o seu parente Dr. Manoel de Carvalho Souza?

Aqui S. Exc. foi traidor ao seu partido, como, summamente, escandaloso em seu acto!

E o Sr. Miguel Castro, cego instrumento, não comprehendendo a altura do lugar que occupa, calca assim aos pés as mais terminantes disposições legaes e ostensiva e brutalmente ataca o mais precioso direito do cidadão nos paizes adiantados, a liberdade do voto, embora entre nós cercada de muitas garantias pela melhor lei, que tem sahido do parlamento depois da de 28 de setembro de 1871, e, como esta, confeccionada mediante o concurso dos dous partidos constitucionaes!

Eis o administrador typo da «Imprensa», eis a vestal do órgão official, o homem incapaz da menor violencia!!! E é assim que se escreve a historia!

Para cumulo das miserias, o Sr. Miguel Castro, á troco de algumas palavras laudatorias, desprezando seus co-religionarios, abraça com hypocrisia os adversarios que mais vehevementemente atacam o actual ministerio, sem lembrar-se da solidariedade que deve existir entre o governo e seus delegados, e sem comprehender que os conservadores, com esse proceder usam apenas de uma tatica commum, por que deste modo vão colhendo dupla vantagem; lucram as posições, e, mais do que isto, ganham immenso terreno com o esphacelamento do partido liberal, consequencia inevitavel da ominosa administração de S. Exc.

Note-se que não somos infensos ao aproveitamento de adversarios para empregos publicos, pois sempre entendemos que este paiz é dos brasileiros e não tão somente do partido domiaante; todos, amigos e adversarios, teem igual direito perante a lei. Mas o administrador intelligente, penetrado de sua missão, é obrigado a guardar certa coherencia em seu procedimento, o portanto a evitar que seus actos constituam um complexo de disparates, como teem sido os do Sr. Miguel Castro. Os proprios conservadores, que não peccam por innocentes, naturalmente hão de ter dado gostosas gargalhadas por conta de tantas estollices.

Entretanto, elle esquece-se de que o seu principal papel nesta situação, e tal é tambem a missão de toda a imprensa moralizada, consiste em condemnar o mal onde o mal existir, e apontar á sociedade o caminho do progresso e do bem-estar. As vantagens que ora está colhendo S. Exc. são demasiado precarias em presença dos grandes principios sociaes, que devem ser mantidos, e com os quaes á ninguém é licito transigir.

Em quanto não se convencerem todos os que, por qualquer forma, influem no governo do paiz de que a liberdade e felicidade de um povo nascem do fiel cumprimento das leis que o regem, ou em quanto o governo, na sua mais lata accepção, não for uma cousa seria, uma realdade digna de confiança, a sociedade brasileira marchará ás cambalhotas, e tudo terá em seu seio o cunho da esterilidade. Para ser livre um povo, disse-mi bem, um notavel escriptor, é preciso que elle seja escravo da lei.

Mas, si é um vicio predominante em todo o paiz a falta de observancia das leis, tal vicio toma proporções descommunes quando se trata desta infeliz provincia, digna certamente de melhor sorte. Tudo quanto em outra

parte pode ser susceptível de respeito e acatamento é aqui vilipendiado com um cynismo capaz de assombrar o espirito mais flegmatico!

E como não ha de assim acontecer, si « nasce de cima a corrupção dos povos », e se nos mandam um Miguel Joaquim de Almeida Castro e um D. Luiz da Silveira para nos governarem? Um Miguel Joaquim que, segundo consta, fora no Aracaty o capitaniador de um grupo que atacara e effaqueara o então juiz de direito Dr. Hypolito?! E um D. Luiz, que, coitado! já exhala vapores de um cadaver de 48 horas sob a influencia desta atmosfera de fogo?!.....

Mas, ah! são os homens que servem, que constituem peças que se ajustam á todas as obras.

Entretanto, o indicador de tão celebres entidades para o governo desta provincia, naturalmente por occasião da indicação esqueceu-se do anexam popular:—dize-me com quem andas, que dir-te-hei quem es tu.—

Basta por esta vez,

27 de Janeiro de 83.

Um liberal.

### Administração da provincia

O Outro liberal volta a arena da discussão para apresentar ao contendor da « Imprensa, » mais os seguintes factos que carecem de justificação:

Como é que S. Exc. abandona pela quinta vez a capital da provincia sem ao menos providenciar a respeito da peste que se aproxima devastadora?

Todos sabem que a capital do Maranhão está sendo assolada espantosamente pela variola, constando que esta peste já se acha também na villa de Campo-maior d'esta provincia; entretanto aqui não ha puz vacinico de qualidade alguma.

Não existe também um medico vacinador, porque o proprietario d'esse cargo perdeu o lugar por incompatibilidade com o de presidente da camara, e S. Exc. aque ainda estava aqui, não se apressou em nomear-lhe um substituto.

Já são de mais os passeios de S. Exc., que pela 5.<sup>a</sup> vez abandona a capital, deixando tudo á revelia.

Pela primeira vez sahio S. Exc. no começo de Setembro, para a Colonia de S. Pedro, d'onde voltou em meado do mesmo mez; este passeio, enfim, teve a justificativa de ir visitar um estabelecimento publico.

Pela 2.<sup>a</sup> vez, partio d'aqui em começo de Outubro para a Amarração d'onde voltou no fim do referido mez.

Desta vez demorou-se apenas cinco dias, aqui na capital, porque fez a sua 3.<sup>a</sup> viagem logo no começo de Novembro, indo ainda para a Amarração d'onde voltou a 29 de Novembro, vindo, ao que se disse, somente para inaugurar a illuminação á 2 de Dezembro.

Mas, querendo passar o dia da Conceição com sua familia, que desde a 1.<sup>a</sup> viagem estabeleceu sua residencia na Amarração, S. Exc. volta logo apóz, cremos que a 4 ou 5 de Dezembro, sendo esta a sua quarta viagem. Deste mez demorou-se até 13 de Janeiro, dia em que aqui chegou.

Pela quinta vez partio d'aqui para a Amarração no dia 2 de Fevereiro e não sabemos quando voltará.

Pelo que julgamos que S. Exc. está amarrado de tal forma na Amarração, que só vem aqui rapidamente

no fim de cada mez para receber os seus vencimentos exclusivamente, voltando logo apóz.

Ora isto já é de mais; é muito pagador a custa da Companhia de vapores, a quem tem dado enorme prejuizo, porque S. Exc. não anda sem um grande farrancho tudo de passagem gratis e commendo a custa da Companhia.

E' ligar muito pouco apreço a responsabilidade de seu cargo, que abifica acceptado com prejuizo de todos os ramos do serviço publico.

Explique ainda a redacção da « Imprensa, » com que direito o Sr. Promotor publico da capital sem estar doente, voltou ainda desta vez com S. Exc. acompanhando-o assim em todos as suas viagens, apesar das censuras dos jornaes. Entretanto continua o Sr. Promotor a receber os seus vencimentos; e, o que ainda é mais admiravel, estando doente como promotor, continua a ser considerado bom, como Official de gabinete recebendo integralmente os respectivos vencimentos.

Explique a Imprensa como é que se fazem estas cousas.

Outro Liberal.

### Administração da provincia

Os dois artigos, sob esta epigraphie publicados neste jornal com a assignatura de —Outro liberal, forão duas cajadadas terriveis, que entonteceram o articulista ou redactor occulto da Imprensa; forão dos golpes certos que não poderam ser aparados nem respondidos pelo adversario.

Estes dois artigos permanecem irrespondiveis, porque o articulista da Imprensa sente-se completamente entalado, sem saber como justificar os innumerados abusos e desmandos da actual administração da provincia, alliberberados com a maior claresa e verdade.

A dialectica sophistica do redactor anonyimo da Imprensa baqueou redondamente perante a logica de ferro do articulista do « Semanario »

Este, ganhando terreno na luta, foi impellendo o seu contendor, ate mettel-o num beco sem sahida, onde arraçou-lhe das mãos o sophisma, unica arma com que sabe bater-se.

Assim desarmado, logo ao segundo golpe, o articulista da Imprensa, dispuñta-se o liberal do « Semanario » a recolher-se ao silencio, convicto de ter obtido a victoria.

Eis porem que o esgrimista da Imprensa, recobrando o animo, declara que não foi batido, nem desarmado, e sim, que voluntariamente abandonará suas armas e retirava-se da luta, porque o orgão do partido liberal não devia discutir com um desconhecido.

Esta evasiva é de arromba; analysemos-a nós outros, que fomos testemunhas do pleito.

Primeiramente, seja-nos permittido negarmos á actual Imprensa o caracter de orgão do partido liberal; será, quando muito, orgão de uma pequena facção d'esse partido, ou, mais propriamente, orgão das paixões individuaes de uma unica personalidade — o redactor occulto, que permanece por detrás das cortinas, qual gato escondido com o rabo de fóra.

A prova disto é que dos redactores desse periodico nomeados pelo directorio do partido, unico poder competente para faser taes nomeações, ne-

nhum mais existe; uns ausentam-se e outros demittio-se; e como já não existe o directorio, que também demittio-se, não forão ainda preenchidos aquellos lugares.

Neste estado de cousas, chega um usurador, que, encontrando tudo acceptado e julgado, em sua alta vaidade, pela resumir em si, não só o directorio, como o partido todo, apressa-se da typographia que nos pertence, assumo ilegalmente o commando em chefe da politica liberal da provincia, e sem competencia nomea um redactor, que nada rellige porque o proprio dictador reserva para si o direito exclusivo de escrever para o jornal, sob a responsabilidade do redactor por si nomeado.

Desde essa data, portanto, deixou a Imprensa de ser orgão do partido liberal, passando a ser-o exclusivamente das paixões individuaes d'esse usurpador; e só voltará a ser orgão do partido liberal se renunciar, eleger o seu novo directorio, e este nomear os redactores do seu periodico.

Eis a primeira objecção ás palavras de S. S.

Em segundo lugar, admira que S. S., conservando-se anonyimo, diga que não pode discutir com um desconhecido; é deveras de posmar, que tendo-se a viseira deslida, exija-se um contendor de viseira levantada!!

Em terceiro lugar, parece já não ser mais tempo para S. S. allegar que não pode discutir com um desconhecido, devra, então, não ter accedido o repto d'esse o começo; mas agora já se acha no meio da luta e não prece continuar, ou dar-se por vencido; já é tarde para sahír-se com semilhante allegação.

Destruida, assim a primeira, passemos a segunda evasiva.

Diz S. S.: a Imprensa, orgão do partido liberal, não apanha os insultos do pseudo — Outro liberal.

Em primeiro lugar, mostra-se S. S. muito empenhado em querer que se tenha a Imprensa, ainda como orgão do partido liberal, pois que apressa-se em affirmal-o, antes que qualquer duvida se levante a tal respeito; isto prova, que S. S. é o primeiro a desconfiar da justiça de sua causa, do contrario era desnecessaria aquella declaração.

Em segundo lugar, não vemos insultos nos artigos do outro liberal, e muito menos, insultos de ordem a fazer interromper uma discussão entalada.

O que vimos ahí forão muitos factos graves claramente expostos e bem provados contra a administração do Sr. Dr. Miguel Joaquim de Almeida Castro. E é preciso que a Imprensa, que todos os dias pede que lhe apresentem factos, apresse-se em vir justificar os graves abusos, illegalidades e desmandos, allí apontados com a maior variedade.

Cumpre-lhe isto, se é que a responsabilidade moral ainda tem algum valor para S. S. e para o Sr. Dr. Miguel de Castro; se assim não o fizer indicio q' tem em pouca conta aquella responsabilidade, e que despresão também a opinião publica.

A allegação dos insultos, portanto, é uma simples evasiva, de quem se vê entre a espada e a parede.

E' certo que, de permeio com os innumerados factos expostos por uma logica de ferro em uma argumentação cerrada, vinhão algumas phrases

energicas, allusões e indirectas, e não insultos, e tudo como se as anabilidades da Imprensa, entretanto, julga que as suas palavras não são insultos.

E' que a Imprensa, ao deitar o tro a um rifão mais conhecido, que tem o direito de discutir com quem o dever de discutir, não quer que o Sr. S. S. se afirme a ser o verdadeiro chefe da provincia quando elle com mais acerto poderia chamar a S. S. de pseudo chefe do partido, pseudo Director e pseudo redactor do jornal.

Diz também S. S. que elle mostrar a penna bem aparada para os insultos e descomposturas, entretanto que nós julgamos ser mais bem aparada a de S. S. que tem mais pratica no officio.

Em fim, vê se claramente que é improcedentes as allegações da Imprensa, que apenas procedem pretextos banaes para fugir de uma luta em que sentia-se fraco e desarmado.

Volt pois ao combate o escriptor da Imprensa, que encontrou o Outro liberal firme em seu posto.

Volte que para tirar lha todo o texto, nós garantimos que o Outro liberal usará sempre de uma linguagem seria e grave, de uma argumentação verdadeira e logica correctá, mas isto se S. S. também tratal-o com igual lealdade e delicadeza.

Do mesmo modo elle se assignará se S. S. fizer o mesmo.

Se porem S. S. empregar insultos, allusões e indirectas, terá o troco na mesma moeda, porque ninguem pode bater-se com armas nobres tendo um contendor armado com um punhal.

Muitos Liberaes.

### Ao Dom-Dom crapuloso.

Ao miseravel, infame, corrupto, devasso e covarde pasquineiro que no « Comercio de Caxias », n.º 258 de 27 do mez, p. passado, lembrou-se de meu obscuro nome, só devo responder com o mais soberano desprezo.

« Os brios de militar e a honra de minha farda », petulantemente invocados por ti — pustuia moral, são justamente que me vedão o descer até o lodagal em que vives para satisfazer a tua innocente pergunta.

A assignatura de que usaste — Tenente-Chicote —, suppondo com isto offender-me ou envergonhar-me, pelo contrario, muito me honra, porque lembra um acto de energia de minha parte, um sacrificio da vida, uma verdadeira temeridade, para cumprir um dever sagrado, desaffrontar um ponto de honra, acção esta de que nunca foste, nem serás capaz; lembra também aos cobardes de tua ordem, que recuem, porque podem também ser castigados com aquelle instrumento aviltante.

Assigna-te canalha se quizeres ter resposta condigna.

Sei a quem me refiro, mas o publico não o sabe, e é preciso que, perante elle, tenhas a responsabilidade de teus actos.

Assigna-te, ao menos, para que, ao ver teu nojento nome, o publico saiba desde logo que apreço deve ligar a teus nefandos pasquins, porque já estás bem conhecido como o chefe da immoralidade, o requinte do cynismo.

Ao « Comercio de Caxias » um simples conselho: Pelos brios d'essa digna e illustre corporação, cujo nome

representa; por honra d'essa pequena, porém, nohre, heroica e gloriosa cidade; pela dignidade da imprensa, que lhe cumpre velar, o « Comercio de Caxias » nunca deverá manchar as suas columnas com os torpes passquins do ente mais abjecto, que tem vindo a esta capital, e principalmente depois de terem sido os seus nojentos escriptos rejeitados por todos os jornaes d'aqui, onde a chronica d'este ente cit está bem conhecida.

Theresina 10 de Fevereiro de 1883.

O Engenheiro—militar.

José Faustino da Silva.

© Sr. D. Luiz de Sousa da Silveira.

E' certo que o Sr. chefe de policia D. Luiz da Silveira arrecadou, segundo disse, pela imprensa uma boa somma, producto do beneficio dado a santa casa da Misericordia desta capital. Muitos mezes ja vão que S. S. tem em seu poder essa quantia.

Pergunta-se:—Qual o motivo por que S. S. não entrega essa pequena esmola, feita a um estabelecimento pio, e de caridade, que tanto precisa de qualquer importancia para occorrer as suas despesas?

Seria bom, que o Sr. D. Luiz explicasse ao publico esse seu procedimento Assim pensa o

Dom Calote.

1.ª Carta de um vaqueiro a seu patrão.

Meu amo.

Estou a pé.

A brivana bebia socegradamente, quando na quella noite, como disse a *vamicé*, passava por deiraz de nós (eu a biscalha) o Dr. Cancão-barbado, heradejando o rio à cima, pela frente da quinta do correio. A brivana não o viu; portanto enchia a pansa d'agua cômigo debruçado n'apá.

Porém, meu patrão, quando foi tirando as ventas d'agua, *promede* tomar folego, cabio uma rajada de vento do lado do Sedêa; e a biscalha conhecendo pelo faro, o Cancão-barbado, esturrou, roden nas pontas dos pés e, d'um só salto, foi arriba da barranca do rio!

Ah! animal bom de trezentos diabos!

Quebrou-se a ribanceira, e nós viemos rolando até batermos com os encachos na lama.

Ahi, a pobre biscalha aos concos, estribuchando e gemendo de dores, abortou um burro macho, que pelo tamanho das orelhas reconheço hoje, ser filho legitimo do falso Chico-Lumbriga distribuidor da carta assignada com meu nome, no dia do carnaval; contra a qual eu *aprotesto*.

E' pena que tivesse morrido no nascedouro, um animalinho de tantas esperanças! Mas *porém*, como ficou o pae a raça não deve ser extincta.

Já eu havia desconfiado que estavam me ennamorando a brivana; e quando montava-me n'ella, a sentia um tanto pesada e lerdá!

Descsnfiei ter sido autor d'esse attentado contra a natureza, um certo Sedêano, que affeito no officio, nem as innocentes brivanas dos vaqueiros escapão ao seu furor!

Vou endagar do negocio, colher provas e dar contra o criminoso uma queixa circunstanciada, ao Chefe de policia, para obrigar-o a dotar minha biscalha, que não pôde ficar deshonrada assim nas suas barbas.

Mas *antonce* voltando a tal cartinha:

Veja meu patrão o que é viver-se entre a gente civilizada! Nunca eu tinha visto meu nome em letras redondas.

Desde que vagi nos braços da parreira, que morava nos serões, distante d'essa gente que sabe por o preto no branco. Agora como estou desempenhando essa infuca que *vamicé* me incumbio, já vou aparecendo, fazendo figura na sociedade.

Devo esta honra aos atractivos de minha biscalha, e ao bom gosto do pae do burrinho abortado, o falso Chico-Lumbriga

Juro a meu amo, pelas cruzetas do freio de minha biscalha, que na semana vindoura me espicharei sobre a tal cartinha que a chei bem forjada; mas *vancé* pôde reconhecer a sua falsidade, porque não se vê n'ella a linguagem do vaqueiro. Alli andou dedo de gente que sabe onde tem os chifres:

Voitemos ao parto laborioso da brivana.

Quando eu em pé, de braços cruzados triste observava as agências de minha infeliz biscalha, me lembrei do frei Miguel ao decidir a questão municipal, tambem na barranca do rio, cercado por muita gente, que assistia sua entrada na barriga do Parapaguá (é o vapor meu amo) com destino, pela sexta vez, a nova capital cidade da Parnahyba!

Eu fui um dos que tiveram a distincta honra de assistir a semelhante acto de tristesa.

Li na *philosustria* do semblante dos Sedêanos, agrupados em torno de seu chefe, o desgosto que lhes causava a incertesa da volta do frei Carnava; mas *antonce* com o canção-barbado não se dava a mesma coisa!

A pertando sobre o pape o pobre frei Miguel; firmando a ponta do bico sobre o hombro do frade, e arguendo-se nas pontas dos dedos, o Dr. Sedêa murmurou estas palavras ao ouvido, d'administração: « Quando tu ias buscar os cajús, eu voltava com as castanhas »

O frei Miguel nada proferio, pela boca, que se pudesse comprehender. Apenas ouviu-se um ruído confuso, que eu supponho ter sido consequencia do aperto que o canção lhe deu na barriga.

O velho poeta Quinderé ja estava abordo, com o seu chapéu com que judas disse o ultimo a deus a suas esperanças perdidas.

Partio o Conselheiro, ao son da *musga*.

Entre a multidão que alli fervilhava, notei a falta do Dom-Dom policial, que não quiz ir ao porta-dentro do frei Miguel Carnava!

Serão os milagres de S. Antonio que o prenderão ao topete da felicitate da policia?

Não affirmo, meu amo; entretanto ouvi dizer, lá mesmo na rampa, que na quella mesma hora, *esramuçava* com ella no quintal de sua residencia, virando o cangirão de vez em quando!

Sendo assim, a negra veiba é da pá virada!

Sabe duminar o coração d'um figurão social, o arrastando ao ultimo degrão da escada que desce ao purão das imundices d'esta mundo!

Mas *antonce* o que se ha de fazer? São gostos.

Uns gostão de passeiar em macia cadeirinha de damasco, e outros preferem embarcar na estrada de ferro...

Tratemos agora de outro assumpto. Na ultima carta que fiz a *vamicé*,

quando tratei do baille em casa d'um

amigo de meu patrão, esqueci-me de dizer-lhe—que granda parto dos bolos e pudins que alli houverão a granel, foi fabricada pelo dito Dom-Dom—P' hein, que ficou plentemente approvado na arte culinaria!

Não ha, ninguém que não tenha seu lado aproveitavel; entretanto meu patrão tomava d'alle um juizo tão desfavoravel e.....

Tambem me esqueci de dizer a *vamicé* que este mesmo *supplicante* recebeu, de mais, com mil reis da verba secreta, e até hontem não tinha entrado com o excesso para os cofres publicos!

Veja *vamicé* só p'ra isto, e guarde segredo, porque agora estou a pé.

A brivana está cumprindo o resguardo da paridura abortiva; e se me sairem na custella *mindinha*, não sei como me poderei escapar.

Estou tratando d'ella com todo zelo; mas tenho justo receio que o falso Chico-Cambriga a torno fartar, e sem a menor consideração ao seu grave e miindroso estado, quebre o resguardo da pabrésinha, no serviço do Dom-Dom policial e do Dr. Sedêa. Elle mostrou que dava para coisa; e porisso os seus amos devem estar muito satisfeitos cômigo.

Entretanto, se me socceder mais esta infidelidade, mesmo apé communicarei a *vamicé*.

P. E. Inclusa remetto a meu patrão a cartinha falsa, para *vancé* apreciar o estro do pae do burrinho.

O Chico-Lumbriga.

Empregado no lyceu desta cidade Um Burro, que só deu para caugalha. Mais provas ao publico furneceu De quanto é capaz esse canalha!

Do Dom-Dom policial—uma promessa Do seu chefe recebe uma gurgêta; E a vis condições se submette De joelhos no chão humil'd' aceita.

No terreno da infancia requintada, Tão perfeito papel desempenhou, Qu'ao proprio Dom-Dom e companhia Com pasmo do Cancão se nivelou!

Sobio distribuido, empacaráda, Uns certo, em completa babadira, Fingindo o vaqueiro que escreve Contra quem s'amizou e a felicitate.

O Cancão, que apenas lá' aturava, Por ser filho d'uma parizo proximoso, Prometten-lhe o lugar de Secretario Quando outro obtivesse p'ra dengoso.

Este pape, sim, senhor! Preciso d'elle E' um vil instrumento inanyavel. Que ja mais d'iserviu a sua fima E p'ra tudo mo será indispensavel.

O Dr. Sedêa.

Existe lá na policia Certo typo curioso; Se é macho ou se é homem, Eis o ponto duvidoso.

Em juizo irá depor Certa gente, se o quizer. Qu'este typo não é homem, Sem com tudo ser mulher.

Cert'escriba tambem toda O referido dar por fé; Pois que affirmão não ser homem Por qu'esse homem já não é.

Nunca o fóra, dizem outros, Com bastante fundamento; Seu sexo elle o perde Por muito descaramento.

Da mulher as funções todas Elle exerce com pericia; Faz bôlos e bons-bocados O tal homem da policia.

Faz quitutas e quibêbes, Costidos e ensejados, O estapá da Behio Tonta, fritos e guisados. Dees secos e de cãdas. Q'ô homem é bom de-iro. Qualidade que s'ajanta A perito casicheiro.

S'applicando a culinaria Pouco entende do direito; Nasceu p'ra ais, ou mucamba, P'outra coisa não tem jeito

Tambem trabalha d'agulha, Marca roupa, faz bordado, E' de fama na cestura, E tambem no engomado.

Quem de creada proceia, D'um'ama quizer noticia, Com tamanhos predicados, Venha ver cá na policia.

Só tem, é que seu sexo E' ontaço duvidoso; Podendo bem informar O meu celebre Dengoso.

Este officio que é homem, Por propria experiencia; Mas, peritos competentes Do contrario dão sciencia.

Dizem uns que não é homem, Affirmão outros—nem mulher, Hancumprodita tambem não, Entenda isto quem puder.

Pelo titulo de qua uza Seu sexo mais se erra, Pois é esse o distinctivo Da mulher em nossa terra.

De homem tem a figura Veste calça, tem bigode; Porem isto nada prova, Que mais barba tem o bode.

Minhas gentes venhão ver Coisa que nunca se vio, Um homem que não é homem Se é mulher, nunca pario.

Editaes.

Capitão—O Capitão Antonio Coello Furtado de Albuquerque Cavalcante, 4º Juiz de Paz do 2º districto desta capital e da Parochia de N. S. das Dores, por eleição popular &.

Fago saber que por portaria de S. Ex. o Sr. Presidente da Provincia, de 20 do mez proximo findo fora designado o dia 5 de Março vindouro para proceder-se no collegio da Parochia de N. S. das Dores nesta capital e casa da Camara Municipal a eleição para preenchimento da vaga de um veriader, que tãcen, pelo que, pelo presente edital conviã nos termos do n.º 1 do § 7.º do artigo 15 da lei n.º 3029 de 9 de Janeiro de 1881, os dois cidadãos Juizes de Paz deste districto, meus immediatos em votos, Capitão Manoel Raymundo da Paz e Antonio Pinto de M. Aquila e os dois cidadãos immediatos em votos ao quarto Juiz de Paz do mesmo districto, Laurindo de Castro Lima e José Antonio da Cunha, a comparecerem as 9 horas da manhã do dia 4 do mencionado mez de Março no Pape da Camara Municipal, afim de instalar-se a meza eleitoral do Collegio, devendo com a divida antecedencia qualquer dos cidadãos convocados participar o seu não comparecimento para os fins convenientes.

Outro sim, pelo presente igualmente conviã a todos os cidadãos eleitores deste collegio a comparecerem nos referidos dias no lugar e horas supra indicadas, afim de assistirem a installação da referida meza do collegio eleitoral e darem seus votos na eleição a que se vai proceder—E para que chegue ao conhecimento de todos os interessados este será affixado nos lugares mais publicos e publicado pela imprensa.—cidade de Theresina, 3 de Fevereiro de 1883.—Eu Manoel Felipe de Lemos, escrivão o escrivão—Antonio Coello Furtado de Albuquerque Cavalcante, 4.º Juiz de paz da 2.ª freguezia de N. S. das Dores.—Está conforme.—O escrivão.—Manoel Felipe de Lemos.